

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
FARROUPILHA
CAMPUS SÃO BORJA**

CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GASTRONOMIA

GUSTAVO OLIVEIRA DE MORAES

TURISMO DE CAFÉS NAS PAISAGENS PAULISTAS

**Artigo apresentado como requisito parcial
para aprovação na disciplina de TCC I, do
Curso Superior de Tecnologia em
Gastronomia, do Instituto Federal
Farroupilha – Campus São Borja.**

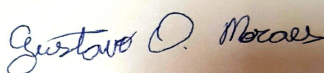
Orientadora: M^a Beatriz Carvalho Tavares

**SÃO BORJA
2023**

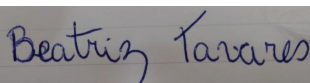
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
FARROUPILHA – CAMPUS SÃO BORJA

A orientadora, Professora Mestra Beatriz Carvalho Tavares e o aluno Gustavo Oliveira de Moraes, abaixo assinados, certificam-se do teor do Artigo produzido na disciplina de TCC I, do Curso Superior de Tecnologia em Gastronomia, do Instituto Federal Farroupilha – Campus São Borja

como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I.



Gustavo Oliveira de Moraes



Orientadora: Profª Mª Beatriz Carvalho Tavares

Componente da banca avaliadora: Prof. Me. Alexander da Silva Machado

Componente da banca avaliadora: Profª Drª Priscyla Christine Hammerl

TURISMO DE CAFÉS NAS PAISAGENS PAULISTAS

RESUMO: O café, além de ser um produto agroalimentar economicamente relevante, é também parte das tradições de comensalidade da maioria dos brasileiros. Dessa forma, o produto se tornou importante para o desenvolvimento social e cultural das pequenas produções. Devido ao aumento da demanda do café, surgiu a oportunidade de aprimorar as atividades turísticas rurais e urbanas relacionadas às paisagens cafeeiras. Em meio a isso, o problema que direcionou essa pesquisa foi: quais são as características sociais, culturais e econômicas do turismo de café apresentadas nos trabalhos acadêmicos desenvolvidos sobre esta temática no estado de São Paulo? O trabalho se justifica a partir do desejo do autor em agregar valor às produções paulistas e aos produtores cafeeiros locais, contrastando a agricultura familiar. Além disso, busca ampliar a compreensão sobre a diversidade da paisagem de São Paulo, que vai além da “selva de pedra” descrita na capital. Visando atingir as expectativas motivadoras da pesquisa, o objetivo deste estudo é analisar as características sociais, culturais e econômicas do turismo de cafés nas diferentes paisagens paulistas. Assim, para alcançá-lo, o trabalho apresenta caráter qualitativo, descritivo e exploratório, se baseando na pesquisa documental e bibliográfica para a coleta de dados. Os dados coletados na pesquisa foram organizados a partir da Análise de Conteúdo descrita por Bardin (1977). Após a análise dos dados, os principais resultados apontam que a monocultura de café foi iniciada por mão de obra escravizada e os patrimônios, como fazendas históricas, surgiram a partir dela. Assim, diversas características estéticas únicas no espaço geográfico se estruturaram e demarcam o passado nas estruturas até a atualidade. Então, foi considerado que a monocultura, um sistema produtivo de larga escala, é um sistema agroalimentar de baixa representatividade social e cultural. Além disso, possui poucas características atraentes para o desenvolvimento do turismo local. Desse modo, um café de maior qualidade e de poucas imperfeições, como o café especial, foi criado para se contrapor ao produto da monocultura. Este produto é majoritariamente dominado pela agricultura familiar, isto é, um sistema produtivo de baixa escala, executado por mão de obra familiar, com alta relevância para o desenvolvimento social e cultural das regiões produtoras.

Palavras-chave: Turismo de Cafés; São Paulo; Histórico cafeeiro; Desenvolvimento socioeconômico; Café especial.

INTRODUÇÃO

O café é uma das produções agroalimentares mais importantes do Brasil, o país se destaca internacionalmente como o principal produtor e exportador da fruta (CONAB, 2022). A cafeicultura é responsável por grande parte do desenvolvimento social e econômico das regiões em que se perdura. Existem hoje, diversos sistemas produtivos agrícolas, dentre eles, destacam-se a agricultura familiar e a monocultura (ARGOLLO FERRÃO, 2015). A primeira é caracterizada por contar com mão de obra familiar e produção em pequena escala, em que o foco é, muitas vezes, a qualidade do produto. Já a monocultura evidencia o quantitativo em detrimento da qualidade, visando o lucro. Esse sistema agrícola se desenvolve a partir da produção em larga escala, assim, o café é tratado somente como mercadoria, portanto,

agricultores e habitantes locais não são relevantes para a produção da *commodity* (LUCHIARI, 2001).

O café tem sua difusão no território brasileiro, em meados do século XVIII, devido ao potencial estimulante da bebida e importância econômica de sua produção em outros países. Essa propagação acarretou diversas transformações das regiões rurais e consequentes configurações estéticas nos locais afetados (ARGOLLO FERRÃO, 2015). As distintas manifestações do meio ambiente em integração à visão humana são consideradas paisagem, elas podem estar relacionadas à esteticidade natural da biosfera ou construídas conforme a interação do indivíduo com a natureza, como ocorre nas distintas paisagens do café (TUAN, 1990; BESSE, 2014).

São Paulo está entre os pioneiros da cafeicultura e é detentor de quantidade relevante de paisagens do café. Esse fato ocorreu por seu alto investimento na produção cafeeira desde seu início, o estado construiu ferrovias e utilizava portos voltados exclusivamente para o café (ARGOLLO FERRÃO, 2015). Devido a isso, atualmente o estado é o terceiro maior produtor de café do Brasil (CONAB, 2022), tendo como destaque o desenvolvimento econômico através da monocultura. Entretanto, São Paulo conta com outros sistemas produtivos que produzem o café especial, isto é, grãos de alta qualidade que buscam o equilíbrio entre os distintos atributos sensoriais do café como bebida, normalmente, o café especial é produzido por agricultores familiares (BSCA, 2017). No Brasil, há 35 regiões produtoras de café especial, o estado paulista detém 5 delas (BSCA, 2023).

A recente valorização da origem dos produtos agroalimentares vem motivando deslocamentos para as regiões de referência em produção, o que resulta em atividades turísticas que podem igualmente influenciar essas paisagens. Em meio a isso, a questão de pesquisa identificada é: quais são as características sociais, culturais e econômicas do turismo de café apresentadas nos trabalhos acadêmicos desenvolvidos sobre esta temática no estado de São Paulo?

O interesse pelo estudo apresentado neste trabalho ocorreu pela vontade do autor em promover a valorização e reconhecimento das produções agroalimentares paulistas. Para isso, partiu de seu envolvimento afetivo com a bebida café, similar ao de brasileiros de distintas regiões, para aproximar-se desse produto em particular. O café orienta, em suas diferentes manifestações de produção, produto e consumo, a formação de paisagens urbanas e rurais. Assim, é de interesse para esta pesquisa também ampliar o olhar sobre a paisagem paulista, conhecida na capital como “selva de pedra” (BASTOS; SALLES, 2008), mas que apresenta formas diversas nas distintas localidades do estado. É possível identificar essa diversidade de

paisagens em distintos municípios externos à cidade paulistana, cuja paisagem é oposta às descrições urbanas da capital.

O produto perdura como o principal produto de exportação do país desde meados do século XX, por conseguinte, os cafezais são peça fundamental da história do Brasil, diversas tecnologias foram desenvolvidas exclusivamente para o avanço da commodity tal como portos e ferrovias (ARGOLLO FERRÃO, 2015). Mesmo atualmente, a cafeicultura é fundamental para a fomentação da economia dos territórios brasileiros, o café é a segunda bebida mais consumida do mundo, atrás somente da água, dito isso, o Brasil detém o título de maior produtor e exportador da fruta, apesar de não ser o maior consumidor, atrás somente dos Estados Unidos da América (CONAB, 2022). Com a existência das regiões ligadas ao sistema produtivo do café, diversas paisagens se integram a elas, por consequência de suas características estéticas e a oportunidade de entrar em contato com um produto presente no dia-a-dia da população, os locais de produção se tornaram também atrativos turísticos (TAVARES, 2022).

Sua relevância no âmbito acadêmico ocorre em virtude da aproximação das atividades turísticas nas paisagens das produções agroalimentares com a história do Brasil. O café está presente na maioria das casas brasileiras, entretanto poucas vezes tem-se a oportunidade de conhecer o como e onde o produto é feito e de que maneira ele chega na mão do consumidor. O estudo visa expor o respeito ao alimento e o resgate das práticas culturais das determinadas regiões produtoras e exportadoras, trazendo informes de como o cotidiano dos agricultores daquela terra afeta o resto do país.

Dito isto, o objetivo geral deste estudo é analisar as características sociais, culturais e econômicas do turismo de cafés nas diferentes paisagens paulistas. Já os objetivos específicos são: 1) Compreender o histórico da inserção da cultura produtiva do café em São Paulo; 2) Identificar a presença do turismo de cafés nas regiões produtoras do estado de São Paulo; 3) Relacionar a influência da Gastronomia com as práticas turísticas realizadas nas paisagens cafeeiras rurais e urbanas.

Assim, para atingir os objetivos e estruturar o trabalho, o estudo se apresenta em referencial teórico, em que será abordado aquilo que já foi pesquisado sobre o tema. Essa etapa foi dividida em: histórico de inserção do café no mundo, no Brasil e em São Paulo; quais são os sistemas produtivos em destaque; o que é a Associação Brasileira de Cafés Especiais; quais são os tipos de paisagens encontradas no turismo de cafés; quais são as características do turismo cafeeiro. As demais partes apresentadas na pesquisa são a metodologia, a exposição dos resultados e discussão, as considerações finais e referências.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Brasil se destaca na produção de café e apesar de sua relevância internacional, a fruta não é originária do solo nacional. O grão de café tem sua origem etíope, na África, entre os anos de 500 e 800 a.C., entretanto, era apenas uma planta decorativa (NEVES, 1974). Conforme a lenda, um pastor observou que seu gado ficava enérgico ao consumir uma folha dessa decoração, então enviou seus frutos para um monge analisá-los, com isso, ao colocá-los em infusão e consumir, sentiu-se mais agitado. A informação foi espalhada entre os mosteiros, até que em Iêmen, Arábia, iniciou o cultivo do café (TAUNAY, 2006).

O café como bebida possui um alto potencial estimulante e econômico, porém, primordialmente a fruta era vista somente como uma planta decorativa. O primeiro relato de consumo ocorreu no Oriente Médio próximo ao fim do século XV. A informação passou a ser difundida pela Europa, então, a França levou o conhecimento da cafeicultura para a Guiana Francesa. Com isso, os colonizadores portugueses trouxeram as primeiras mudas de café para solos brasileiros próximo ao ano de 1700 (MARTINS, 2017). Entretanto, foi introduzido no país como um consumo exclusivo doméstico. O café tem sua difusão no território brasileiro, em meados do século XVIII, por consequência do potencial estimulante e econômico de sua produção em outros países. Essa propagação acarretou diversas transformações nas regiões rurais e consequentes configurações da paisagem local. Assim, devido ao investimento em tecnologias voltadas para a produção cafeeira e a valorização do produto, perdurou como principal fruto de produção e exportação do país. (MARTINS, 2017).

A monocultura do café proporciona, com as tecnologias produtivas associadas, o avanço do desenvolvimento econômico nos distintos territórios cafeeiros do país. Entre os pioneiros da prática, está o estado de São Paulo, que teve o início de sua produção no fim do século XVIII, na região do Vale do Paraíba. Devido ao alto investimento em maquinários e tecnologias para o desenvolvimento da monocultura, o território paulista se tornou importante para a propagação da fruta. Como exemplos dos investimentos feitos na época, destacam-se as ferrovias e o Porto de Santos, destinado quase exclusivamente para o transporte da matéria-prima (ARGOLLO FERRÃO 2015).

Assim, o café ganhou reconhecimento em todo o país, até que, em meados do século XIX, passou a se tornar o principal produto de exportação brasileiro. Com a Revolução de 1930 e a Era Vargas, a fruta passou a receber mais destaque, uma vez que, o antigo presidente

valorizava a indústria e desenvolvimento do produto local. Por conseguinte, até os dias atuais, o café está entre os principais produtos exportados pelo Brasil (IANNI, 2004).

A cafeicultura se propagou por todas as regiões do Brasil em consequência às buscas de uma terra que estivesse em perfeitas condições para o plantio do café. Com isso, diversos estados brasileiros foram condicionados à paisagem dos cafezais. Todavia, São Paulo está entre os poucos territórios que obtiveram um sucesso considerável em relação às cafezeiras (ARGOLLO FERRÃO, 2015).

A cafeicultura começou a ser difundida no estado paulista no início do século XIX, antes da imposição da Lei Áurea, que visava a abolição da escravatura, dito isso, a base da monocultura cafeeira se deu por mão de obra escravizada. Os escravizados foram responsáveis pela formação e manutenção dos cafezais, dessa maneira, eles também executavam o processo de transformação da fruta em produto de consumo em regiões que não possuíam o trato do gado. Próximo a 1888, iniciou-se a substituição da mão de obra escravizada pela força de trabalho livre. O processo acelerado de industrialização na Europa ocasionou a massificação do desemprego, assim, diversos italianos imigraram para o Brasil em busca de oportunidades de trabalho (IANNI, 2004).

Em meados do século XIX, houve uma necessidade de substituir a mão de obra escravizada por trabalho livre. O Senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro foi um dos pioneiros no estado a recorrer à mão de obra livre com o sistema de parceria. Esse sistema trabalhista, consistia no custeio das despesas de viagem e moradia para os imigrantes pelo fazendeiro, além de fornecê-los a matéria-prima, para que assim, pudessem trabalhar nas plantações. Historicamente, o sucesso do café *commodity* ocorreu devido ao investimento tecnológico iniciado por ele e outros donos de fazendas da época. Sua propriedade, a Fazenda Ibicaba, foi uma das primeiras referências de paisagem rural, nela, o Senador que antes plantava cana-de-açúcar, passou a plantar algodão e em 1828, começou o plantio do café (ARGOLLO FERRÃO, 2015).

Essa iniciativa proporcionou à cafeicultura uma grande expansão no estado de São Paulo com a marcha do café, um movimento cujo objetivo era desenvolver o máximo de regiões paulistas. A partir da cultura cafeeira, diversas das fazendas que surgiram no Oeste e Norte paulistas se mantiveram ativas ao se aproveitar das novas estradas de ferro. Consequentemente, houve um novo potencial econômico e político para as regiões, assim, agregando valor social para os habitantes e agricultores locais. Contudo, devido às crises de superprodução do café que ocorreram em todo o país no fim do século XIX, a maioria dessas fazendas encerraram as atividades produtivas (IANNI, 2004).

Algumas das produções que se mantiveram ativas foram vendidas para grandes proprietários, se transformando em monocultura. Este sistema produtivo é voltado para o plantio em larga escala de uma única matéria-prima. No caso das cafezeiras, o objetivo principal é a produção em massa visando a exportação em que seus preços dependem da Bolsa de Valores, fazendo com que o produto seja uma *commodity* (MARTINS, 1991). Com a monocultura, o Brasil se estabeleceu como maior produtor e exportador de café, principalmente a partir da produtividade de Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo (CONAB, 2022).

A monocultura, se destaca como sistema produtivo no viés econômico e visa uma produção quantitativa e padronizada. Assim, um produto de baixa qualidade e repleto de impurezas é produzido e exportado em larga escala. Esta produção exagerada causa paisagens monótonas e com pouca atratividade estética. Em contrapartida, há a agricultura familiar, em que se destaca o produto de qualidade, tal como o café especial (MORAES *et al.*, 2023)

O reconhecimento internacional dos três estados é também atribuído às diversas regiões de produção de qualidade reconhecidas pela Associação Brasileira de Cafés Especiais (BSCA). São Paulo é o segundo estado com mais regiões reconhecidas pela produção de qualidade, nas quais duas possuem Indicação de Procedência, atrás somente de Minas Gerais (BSCA, 2023). Como pioneiro na exploração das tecnologias cafezeiras, a produção paulista teve grande vantagem para reconhecimento internacional do produto. Isso agrega, ainda, desenvolvimento socioeconômico dos territórios cafezeiros, manutenção da cultura e valorização do patrimônio. A qualidade do café é fator determinante para o desenvolvimento das regiões produtoras, visto que diferencia o café produzido em larga escala por meio do respeito ao fruto e valorização dos aspectos sensoriais resultantes. Erna Knutsen apresentou o termo café especial ou *specialty coffee* no periódico *Tea & Coffee Trade Journal* (GUEDOUANI *et al.*, 2019). Essa caracterização do produto é definida pela BSCA (2017) como:

Cafés Especiais são grãos isentos de impurezas e defeitos que possuem atributos sensoriais diferenciados. Estes atributos, que incluem bebida limpa e doce, corpo e acidez equilibrados, qualificam sua bebida acima dos 80 pontos na análise sensorial. Além da qualidade intrínseca, os cafés especiais devem ter rastreabilidade certificada e respeitar critérios de sustentabilidade ambiental, econômica e social em todas as etapas de produção (BSCA, 2017, n.p.).

Dentre as regiões produtoras de café especial reconhecidas, algumas apresentam certificação como Indicações Geográficas (IG), a partir de especificidades produtivas que as caracterizam como Indicação de Procedência (IP) ou Denominação de Origem (DO). Para receber o título de IP a região precisa ser comprovadamente reconhecida por ser um centro de

produção, já uma DO, e a região em que a qualidade e características do produto sejam exclusivas daquele determinado espaço devido a fatores naturais e/ou humanos (INPI, 2013).

Este conceito traz reconhecimento para o trabalhador rural, agregando valor à produção agroalimentar, muitas vezes associada à agricultura familiar (PEREIRA, 2016). Como sistema produtivo, a agricultura familiar é caracterizada por utilizar mão de obra exclusivamente familiar, produção em escala reduzida e pode estar associada a características alternativas como orgânicas, agroecológicas, etc. (SCHNEIDER, 2010). Este meio produtivo detém cerca de 38% de toda a produção de café do país (PEREIRA; LOURENZANI, 2014) e representa 56% da produção de café especial, assim, desenvolvendo a região em que é pertencente (TAVARES; OLIVEIRA, 2023). A importância do agricultor familiar neste contexto evidencia marcações desta estrutura de trabalho sobre os territórios do café, gerando paisagens com características visuais, estéticas e culturais específicas.

Essas paisagens podem ser entendidas como a manifestação de características vivas do espaço geográfico, em que há a integração entre ser humano e mundo vivido por meio dos aspectos físicos, culturais, sensoriais e afetivos (TUAN, 1990; BESSE, 2014). No caso da paisagem rural, está ligada à interação do indivíduo com a plantação, ou seja, com as atividades exercidas e o conhecimento adquirido sobre a história e costumes da cultura regional e com o café (CLAVAL, 1999). Assim, é possível reconhecer todo o trajeto da planta à xícara por meio das características locais. Apesar de hoje o café estar numa situação de cultura perene, isto é, uma produção fixa que não precisa ser replantada, nem sempre foi assim. Em seu início, o café precisou ser plantado em diversas regiões antes de se encontrar nos lugares que está atualmente, visto que o objetivo era aproveitar suas características de uma forma que fosse possível plantá-lo para a geração mais eficaz dos frutos. Assim, por consequência das interações humanas com a natureza, novas paisagens relacionadas ao café foram formadas em regiões que nos dias atuais, em sua maioria, não compõem o sistema produtivo cafeeiro (TAVARES; MACHADO; VALDUGA, 2023).

As intervenções humanas na natureza desenvolvem distintas personalidades e características para as regiões. Assim, as paisagens cafeeiras são consolidadas não apenas pelos aspectos estéticos, mas também por suas características culturais. Os aspectos estéticos das paisagens do café não se limitam aos plantios e maquinários, mas incluem também as estruturas arquitetônicas das propriedades rurais (CLAVAL, 1999).

No contexto do café, podem ser identificadas duas caracterizações: a paisagem urbana e a paisagem rural. A primeira consiste em locais onde as ações humanas envolveram diversas características aplicadas pelo espaço-tempo da região. Desse modo, trazendo novas estruturas

das tecnologias relacionadas ao café, possibilitando as atividades turísticas do café no âmbito urbano (OLIVEIRA; ANJOS; LEITE, 2008). Dentre elas estão as cafeterias, as torrefações e as demais fontes de comércio do produto agroalimentar (ATAÍDES; CUNHA; SANTOS, 2019). A segunda, em que encontram-se diversos elementos de ruralidade, como fazendas cafeeiras ativas, as próprias plantações do café, estes elementos são muitas vezes estéticos, porém, há também as características históricas, que englobam o patrimônio cultural rural em que é oportunizado o aprendizado da história daquela determinada região (ARGOLLO FERRÃO, 2007).

A composição das paisagens urbanas e rurais se dá pelo destaque em indicadores de quantidade e qualidade que o café como bebida apresenta. Em meio a isso, o estado de São Paulo foi um dos primeiros territórios a serem explorados em atividades relacionadas à cafeicultura (ARGOLLO FERRÃO, 2015). A importância dessa commodity extrapola questões econômicas, apresentando relevância social e cultural aos indivíduos que o produzem ou consomem, dessa forma, estruturando novas paisagens causadas pela diversas plantações existentes (TAVARES *et al.*, 2021)

Em consequência a isso, atrai as pessoas ao local por meio do turismo em áreas produtoras, o que apresenta ao visitante a cultura dos agricultores, proporcionando a experiência de conhecer o produto em seu estado primário e possibilita o consumo da bebida em suas melhores percepções sensoriais. Dessa maneira, oportuniza o contato direto do indivíduo com a natureza a partir da matéria-prima que compõe cotidianos e comensalidades brasileiras, essas atividades são a base para o turismo de cafés (TAVARES *et al.*, 2021).

O turismo de cafés está relacionado às práticas que envolvem a fruta desde sua produção até seu consumo. As atividades turísticas da região se integram à contemplação das paisagens rurais e urbanas. O turismo cafeeiro faz parte de uma manifestação das características de outros três segmentos: cultural, rural e gastronômico (TAVARES *et al.*, 2021; TAVARES; OLIVEIRA, 2023).

No turismo cultural é possível identificar algumas características marcantes essenciais para o desenvolvimento do turismo local. Entre os exemplos delas está a presença de patrimônios culturais como fazendas antigas e seus antigos equipamentos de produção. Essas atividades possibilitam o aprimoramento do conhecimento primordial daquela região e sua trajetória de desenvolvimento até alcançar a atual importância histórica para a sociedade que se situa naquele local. Tais atividades são atrativas para aqueles que buscam identificar as diferentes características que a cafeicultura proporciona nas regiões produtoras de café. Com

isso, a prática agrega valor e reconhecimento aos agricultores locais e fomenta a economia do produto agroalimentar regional (PEREZ, 2009).

Outro segmento turístico que está diretamente relacionado à cafeicultura é o turismo rural. Neste, o maior objetivo é propiciar a interação entre o indivíduo e as diversas manifestações de ruralidade proporcionadas pelas paisagens cafeicultoras (TAVARES, 2022). Dentre as atividades que se desdobram neste segmento do turismo se destaca o aprendizado da cultura rural local, em que os indivíduos são condicionados a conhecer não somente a agricultura familiar do café que se perdura naquele espaço rural como também sobre o ciclo produtivo e de consumo da cafeicultura, assim, é ofertada a possibilidade de ingerir a fruta em seu processo final, tal como ocorre no turismo gastronômico. Dito isso, as atribuições do turismo rural, trazem desenvolvimento econômico e auxilia na manutenção das virtudes naturais, visto que, é o principal atrativo devido às suas particularidades nas paisagens rurais do território em questão (PERFECTO; JIMÉNEZ-SOTO; VANDERMEER, 2020; TAVARES, 2022).

Além da alimentação ser um ato de importância para a manutenção da vida, ela também disponibiliza a probabilidade de socialização entre os indivíduos a partir de momentos de comensalidade (WOORTMANN; CAVINAG, 2016). Apesar dos atrativos rurais estarem entre os principais motivos de procura da região, o turismo gastronômico é o segmento turístico que mais fomenta o desenvolvimento socioeconômico da região, diversas pessoas se deslocam a fim de conhecer a alimentação local e seus pratos típicos, nesta vertente é possível entrar em contato com o produto em sua origem e ter a oportunidade de ter a experiência de consumir o alimento direto de seu local de origem (ANDRADE, 2010).

O turismo gastronômico na cafeicultura pode ser encontrado na maioria das paisagens urbanas da região cafeeira, ou seja, nas cafeterias, em locais de torrefação ou em lugares que servem o café juntamente com o alimento, assim, o contato com o café em estado de maior qualidade é proporcionado. Em junção das atividades dos três segmentos turísticos, o turismo de cafés é de suma importância para as regiões em que a prática está presente (TAVARES *et al.*, 2021, TAVARES; OLIVEIRA, 2023).

A prática do turismo de cafés apresenta potencial no país, no entanto, é uma atividade ainda recente e pouco explorada, por conta disso, é ainda descentralizada e subdesenvolvida na maioria dos territórios brasileiro (TAVARES *et al.*, 2021). Mesmo com esta adversidade, algumas regiões já iniciaram a organização e estruturação visando a oficialização da oferta turística local. Dentre os estados mais estruturados nesse segmento destaca-se São Paulo que, embora não apresente oferta consolidada em todas as regiões produtoras, já apresenta o

turismo de cafés como uma opção ou potencialidade na maioria delas (TAVARES *et al.*, 2021). Ademais, o estado apresenta também Indicações de Procedência relacionada ao café (BSCA, 2023), por consequência disso, o café paulista tem sua qualidade reconhecida internacionalmente assim como alguns dos outros estados produtores do Sudeste, como Minas Gerais e Espírito Santo (BSCA, 2023). Essa valorização traz reconhecimento para o produto café como destaque no setor gastronômico do estado e auxilia na integração desse segmento turístico com outros desenvolvidos, como o próprio turismo gastronômico da capital.

Para verificar a oferta e a demanda do turismo de cafés em São Paulo, foi necessário analisar as características sociais, culturais e econômicas do turismo cafeeiro nas diferentes paisagens paulistas. Dessa maneira, a seguir, será apresentada a caracterização dos aspectos metodológicos da pesquisa, seguidos da exposição dos resultados e discussão.

METODOLOGIA

O estudo apresenta caráter qualitativo, descritivo e exploratório. A pesquisa qualitativa é caracterizada por ter uma abordagem mais subjetiva, buscando emitir opiniões e motivações referentes ao tema do trabalho, desenvolvendo interpretações únicas para o pesquisador (RICHARDSON, 1999). Já a descritiva visa descrever as distintas características sociais, culturais e econômicas de determinada região, nela é possível analisar como se dá o desenvolvimento dos costumes locais e de que maneira elas impactam no cotidiano do indivíduo (GIL, 2002). Já a pesquisa exploratória viabiliza maior aprofundamento no problema da pesquisa, ela proporciona novas perspectivas e intuições para o tema, dessa maneira, é disponibilizada a maior aproximação do pesquisador com o tema do estudo (GIL, 2002).

Para identificar as características sociais, culturais e econômicas do turismo de cafés nas paisagens paulistas, o estudo se estruturou em duas etapas. A primeira foi a pesquisa documental, que utiliza de métodos de análise de documentos caracterizados por serem vestígios históricos (CELLARD, 2008). Esta etapa contou com a pesquisa na base de dados Hemeroteca Digital, que após utilizar os descritores “Café”, “Paisagem”, “Turismo” e “São Paulo”. Por estarem diretamente relacionados ao tema do trabalho, assim, possuem um relevante potencial para a obtenção dos dados. Os artigos foram selecionados a partir dos critérios: recorte espacial (estado de São Paulo) e conteúdo (café e turismo). Após a busca, a base de dados apresentou um único resultado condizente com o estudo, encontrado na edição 00083 do periódico histórico Revista Shell publicada em 1957.

A segunda etapa foi a pesquisa bibliográfica, que diferente do anterior, destaca-se em suas características a presença de documentos com certificação científica e de acesso ao público, com análise mais específica e objetiva ao tema da pesquisa (CELLARD, 2008). Os procedimentos metodológicos desta etapa contaram com levantamento de dados a partir de uma revisão narrativa de literatura. É consistida num tipo de revisão que não precisa de critérios sistemáticos. Assim, não há a necessidade de analisar todas as fontes informativas disponíveis. Este meio de pesquisa foi escolhido para que fosse possível obter resultados mais subjetivos e diretos, dessa forma, traz fluidez para o presente estudo (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008). Para isso, por conta da relevância acadêmica e diversidade de artigos relacionados ao contexto da América Latina, as bases de dados escolhidas foram *Redalyc*, *Scopus* e Publicações de Turismo USP. Para isso, foram utilizados os mesmo descritores da etapa anterior, por se tratar dos mesmo critérios de busca, assim, foi possível encontrar 8 resultados relevantes para o presente estudo .

Após o levantamento dos dados, os resultados serão analisados e discutidos a partir da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). O método permite a interpretação completa à tradicional, visando esclarecer os valores da pesquisa e sua simbologia. O método é dividido em quatro etapas, são elas: **Pré-análise**, que busca integrar os processos de analisar documentos, formular hipóteses e auxiliar no progresso para interpretação final. A segunda etapa do método é a **Exploração do Material**, na qual apresenta a primeira interpretação do autor em relação aos dados a partir do referencial teórico. Nela é possível aprofundar-se mais no tema e encontrar significados implícitos da pesquisa. Neste processo, a decodificação do assunto ocorre no **Tratamento dos Resultados**, no qual é possível deduzir e concluir de maneira adequada os resultados, por meio de reflexão e criticidade. Dessa forma, abordando a fase final, **Inferência e Interpretação**, na qual, o objetivo é esclarecer as conclusões e interpretações da análise de dados.

Para isso, foram estruturadas categorias analíticas para exposição e discussão dos dados da pesquisa, apresentados no quadro a seguir:

Quadro 1 - Categorias analíticas das características do turismo de cafés

Características do turismo de cafés		
Aspectos culturais	Aspectos sociais	Aspectos econômicos
Os aspectos culturais do turismo de cafés apresentam elementos que remetem à história e aos costumes da região, como fazendas	Os aspectos sociais do turismo de cafés apresentam o contato do indivíduo com o produto em seu estado primário. Os sujeitos de	Os aspectos econômicos estão relacionados às características que tornam o Brasil o maior produtor e exportador de café no mercado internacional. Da

históricas, festivais e os patrimônios culturais, o que contribui para o fortalecimento das identidades que se manifestam no turismo local (PEREZ, 2009).	importância nesse processo são os produtores, os gestores de associações de produção, cooperativas e turismo, bem como consumidores-turistas. Outra característica é a possibilidade de presenciar a comensalidade do consumo de café, em sua versão de maior qualidade (TAVARES, 2022).	mesma maneira, a oferta turística em regiões produtoras de café fomenta a economia dos territórios (ARGOLLO FERRÃO, 2015).
---	--	--

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da revisão narrativa da literatura nas bases de dados escolhidas, foi possível identificar os seguintes artigos (Quadro 2):

Quadro 2: Artigos analisados para a pesquisa

Título	Autoria	Data de publicação	Recorte temporal	Recorte espacial
Holambra Modelo de Cooperativismo	Revista Shell	1957	Formação da Cooperativa Agropecuária Holambra em 1948.	Holambra - SP
Vale Do Paraíba: Da Economia Cafeeira à Sustentável	Miriam Francisca Rodrigues Couto e Elpidio Serra	2011	Histórico de inserção do café no Vale do Paraíba no fim do século XVIII.	Vale do Paraíba - SP
Patrimônio Rural e sua Relação entre o Local e o Visitante: Um Estudo de Bananal (SP)	Pedro de Alcântara Bittencourt César e Beatriz Veroneze Stigliano	2012	Construção das fazendas históricas do Vale do Paraíba de café no século XIX e como ocorre o turismo na região atualmente.	Bananal - SP
Roteiro de Turismo na Paisagem Rural em Antigas Fazendas Paulistas de Café	Renata Barrocas e Lívia de Oliveira	2013	Construção das fazendas históricas do Vale do Paraíba de café no século XIX e como ocorre o turismo na região atualmente.	Região de Limeira - SP
Turismo e Eventos: O Festival Santos Café e a	Daniela Tineo e Edegar Luis Tomazzoni	2016	Histórico dos patrimônios arquitetônicos de Santos no século XIX e a criação de um festival visando	Santos - SP

Revitalização do Centro Histórico			valorizá-los.	
O Rural como Atrativo Turístico e a Experiência Cultural: A Fazenda Santa Gertrudes	Odaléia Telles Marcondes Machado Queiroz	2017	Construção das fazendas históricas do Vale do Paraíba de café no século XIX e como ocorre o turismo na região atualmente.	Região de Santa Gertrudes - SP
A oferta de Turismo de Cafés pela perspectiva dos(as) cafeicultores(as) brasileiros(as)	Beatriz Carvalho Tavares e Alini Nunes de Oliveira	2023	Histórico de inserção do café e como ocorre a oferta de turismo nas regiões produtoras atualmente.	Regiões produtoras de café especial
Narrativas turísticas de paisagens escravistas: práticas de memória na interpretação do patrimônio cultural do Vale do Paraíba, SP	Clarissa Maria Rosa Gagliardi	2023	Histórico de inserção das fazendas de café a partir das mãos negras escravizadas no século XVIII.	Vale do Paraíba - SP

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados obtidos na pesquisa (2023).

Com base no quadro, é possível identificar que entre as características dos dados condensados há a falta de repetição de autores, indicando que há uma variedade de perspectivas para o campo de pesquisa do turismo de cafés em São Paulo. Referente ao período das publicações, os artigos abrangem um período de 12 anos, de 2011 a 2023, indicando um interesse contínuo e crescente relacionado ao tema da pesquisa ao longo do tempo. Devido à sua relevância histórica e econômica, o Vale do Paraíba é o foco de mais de um dos dados encontrados, juntamente com o interior de São Paulo, onde encontram-se diversas fazendas históricas diretamente relacionadas à antiga produção cafeeira, com isso, grande parte dos artigos abordam o histórico de inserção do café no estado paulista. Os temas principais incluem turismo rural, patrimônio cultural, economia cafeeira e experiência cultural. Isso indica uma interseção de interesses em cultura, economia, turismo e na história do café. Assim, a partir do quadro, a seguir, serão apresentados e discutidos os dados obtidos com a leitura e fichamento dos artigos selecionados para a investigação.

O artigo da Revista Shell de 1957, tinha como tema a exploração da prática do cooperativismo de mais de 100 famílias de imigrantes holandeses nas quais fundaram a

Cooperativa Agropecuária Holambra em 1948. Cooperativismo consiste na colaboração entre um grupo de pessoas a fim de um objetivo comum, no caso dos holandeses, o agronegócio. Foi apresentado que a principal atividade agrícola dos imigrantes era a cafeicultura, que na época, era um dos principais produtos econômicos do país. Eles se instalaram ao redor da fazenda de Ribeirão, assim, poderiam utilizá-la para o desenvolvimento da produção, entretanto, antes, tiveram que a restaurar. Com isso, instauraram um sistema de crédito na cooperativa e iniciaram as plantações, assim, a Fazenda Ribeirão, voltou a ser destaque no agronegócio.

Em Vale do Paraíba: Da economia cafeeira à sustentável de Couto e Serra (2011) é relatado que o Vale do Paraíba desempenhou um papel muito importante na economia do Brasil com o café. Surgiu após o declínio da mineração no século XVIII e marcou a região como um vale histórico, hoje, a agricultura tem uma forte presença industrial e econômica no país. O texto afirma que os municípios que não obtiveram sucesso na industrialização do estado, exploraram a prática do turismo rural e cultural como uma fonte de renda alternativa. Onde antes era um sistema agrícola voltado para a indústria, como ocorre na monocultura, tornou-se um local histórico sustentado pela agricultura de pequena escala, como a agricultura familiar e pelo turismo a partir das paisagens caracterizadas por uma parte de Mata Atlântica.

A autora destaca que o turismo na região apresenta alternativas sustentáveis, e se promove com a história e gastronomia local, aproveitando-se das distintas peculiaridades estéticas, causadas pelas plantações e patrimônios históricos situados na região. Dentre os municípios da região, destacam-se com o café Bananal, com a Fazenda Resgate, tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional, e São José do Barreiro, juntamente com Taubaté, com suas diversas fazendas históricas de café. Como consideração final, a autora relata que o turismo está se tornando cada vez mais importante para as cidades que um dia já foram consideradas “Cidades Mortas”, visto que não geraram uma renda considerável para o estado. Ela afirma também que, as plantações não conseguem se expandir de maneira industrial por consequência dos aspectos geográficos do Vale do Paraíba. Entretanto, os numerosos patrimônios históricos da cidade, fazem com que o turismo possa agregar de maneira significativa para a renda local.

O artigo Patrimônio Rural e sua Relação entre o Local e o Visitante: Um Estudo de Bananal (SP) de César e Stigliano (2012), relata como o turismo rural em Bananal se desenvolveu na cidade. Bananal está situada na região do Vale do Paraíba, conhecida pelas primeiras plantações de café no estado de São Paulo. No texto é ressaltado que inicialmente a produção de café em São Paulo ocorreu principalmente na Serra da Bocaina, dessa maneira,

Bananal é reconhecido como um dos maiores produtores do grão no país. Além disso, a pesquisa destaca que a região cafeeira se desenvolveu a partir da mão de obra escravizada, que fizeram parte tanto da construção das fazendas, quanto da manutenção das plantações. No artigo é destacada a importância fundamental dada ao turismo rural em áreas com produção agrícola de café como as propriedades rurais localizadas no Vale do Paraíba. Nesses espaços podemos encontrar tanto recursos naturais esteticamente interessantes quanto remanescentes históricos culturais de 1800. Outro ponto importante é que o turismo rural pode ser uma ferramenta eficaz para preservar monumentos históricos e prédios antigos ao mesmo tempo em que estimula a economia nas áreas rurais.

No trabalho Roteiro de Turismo na Paisagem Rural em Antigas Fazendas Paulistas de Café de Barrocas e Oliveira (2013) é apontado que o deslocamento do indivíduo para localidades rurais, em busca de atividades programadas a fim de usufruir do que o espaço pode oferecer, é considerado turismo rural. Apesar de muitas cidades adotarem a prática, o turismo rural ainda é muito recente e pouco explorado. Em consequência do ciclo do café implantado em seus primórdios, deixou como herança diversas estruturas arquitetônicas históricas, plantações e maquinários, assim, compondo a paisagem rural local. Dentre as diversas atividades oportunizadas, o contato com a paisagem e a degustação dos produtos explorados na prática, são as mais aproveitadas pelos produtores locais. Como prova que a mão de obra escravizada faz parte da história do café, muitas das fazendas paulistas possuem o conjunto colonial casa-grande e senzala.

Em São Paulo, há visitação aberta em cinco fazendas anteriores ao fim do ciclo do café, estas são: a fazenda Citra e Quilombo em Limeira; a fazenda Morro Azul em Iracemápolis; E as fazendas Ibicaba, e Santa Gertrudes em Cordeirópolis. Nelas é possível encontrar os distintos maquinários e tecnologias cafeeiras da época, inclusive os moedores movidos com o trabalho animal. Grande parte das antigas plantações de café, eram, originalmente, monoculturas de cana-de-açúcar. Dessa maneira, com o passar do tempo, a paisagem formada por engenhos foi substituída pelos cafezais, transformando o café o maior produto de exportação de São Paulo na época. Com isso, foi criada a paisagem rural paulista, em que atraía diversos indivíduos à procura de novas experiências, desse modo, imigrantes em abundância chegaram ao estado.

Desse modo, Nicolau Pereira Campos Vergueiro, instaurou um novo sistema de trabalho com mão de obra livre, o sistema de parcerias, em que, mais tarde, foi nomeado como o Sistema Vergueiro. Nesse sistema, os imigrantes, geralmente europeus, que chegavam ao Brasil, tinham suas viagens custeadas pelo senador e recebiam moradia, alimentação,

matéria-prima e um salário proporcional à coleta dos grãos. Dessa forma, a fazenda de Ibicaba, fundada por Vergueiro, virou parte de um roteiro turístico, juntamente com as fazendas Citra, Quilombo, Morro Azul e Santa Gertrudes ligadas às rodovias paulistas, este roteiro foi chamado de Turismo Rural do Ciclo Cafeeiro.

Em Turismo e Eventos: O Festival Santos Café e a Revitalização do Centro Histórico de Tineo e Tomazzoni (2016) a autora afirma que o Porto de Santos, construído em 1892, é o principal meio de transporte exportador do país. Ele remete diretamente ao passado em que o café era a principal base econômica paulista, suas construções, como o correio, telégrafo e a alfândega, são hoje considerados patrimônio arquitetônico. Em 2015, a fim de promover o turismo urbano local e agregar valor a seus patrimônios, a prefeitura santista criou um festival chamado Festival Santos Café. Assim, além das características estéticas naturais de Santos serem um atrativo turístico, há também, um dia no ano em que o café se torna um destino turístico. Um local em que há relações interorganizacionais e conecta diversos territórios, promovendo a contemplação da região e o desenvolvimento socioeconômico local, é considerado um destino turístico. O festival é uma data comemorativa referente ao feriado da Revolução Constitucionalista de 1932 e, por ser um mês normalmente de férias, facilita a atração e participação de turistas na cidade.

Na pesquisa O Rural como Atrativo Turístico e a Experiência Cultural: A Fazenda de Santa Gertrudes de Queiroz (2017) a autora ressalta que as fazendas históricas que fazem parte do roteiro turístico do ciclo cafeeiro, como a de Santa Gertrudes, Ibicaba e Quilombo estão ligadas à escravização. Nestas fazendas é muito comum encontrar casarões e senzalas, que, agora desativadas, compõem a paisagem arquitetônica da região a partir desses patrimônios. O turismo nessa região está em grande desenvolvimento, o café, cada vez mais, demonstra a sua importância para a história de São Paulo. Essas atividades não agrícolas no rural, oportunizaram novas opções de renda para o estado paulista, agregando valor ao território.

No trabalho A oferta de Turismo de Cafés pela perspectiva dos(as) cafeicultores(as) brasileiros(as) de Tavares e Oliveira (2023) relatam que o café fruta, após diversos anos de aperfeiçoamento, tornou-se o principal produto agrícola de exportação do país, assim sendo o maior produtor e um dos maiores consumidores do grão. Beber café, pode ser entendido como um ato de comensalidade, a bebida é, tradicionalmente, uma forma de demonstrar à visita que o anfitrião a recebe em sua moradia. O constante desenvolvimento das produções agroalimentares, principalmente as do café, gerou uma grande demanda para novas atividades turísticas cafeeiras. Dessa maneira, a nova demanda turística para a cafeicultura, está

relacionada a cultura, a história e a economia, a fim de agregar valor aos produtores locais. As autoras afirmam que o turismo de cafés se manifesta de diferentes formas e possui características de outras vertentes turísticas, como o turismo cultural, o rural e o gastronômico. Em questionário realizado pelas autoras, é possível identificar que o estado está entre os que possui os maiores quantitativos de propriedades produtoras de café. No texto, é relatado que, as principais atividades turísticas do estado de São Paulo, estão relacionadas às visitas de fazendas históricas e museus voltados para o café.

Por fim, em *Narrativas turísticas de paisagens escravistas: práticas de memória na interpretação do patrimônio cultural do Vale do Paraíba, SP* de Gagliardi (2023) é relatado que o café é um dos produtos mais relevantes do estado de São Paulo, instaurado no Vale do Paraíba no início do século XVIII. As lavouras cafeeiras, apesar de sua importância na economia paulista, surgiram a partir da exploração de mão de obra escravizada. Os patrimônios arquitetônicos conhecidos atualmente, foram erguidos pelos negros escravizados da época e, além disso, são também uma herança cultural construídas a partir das marcas da escravidão. A autora afirma que as memórias dos escravizados estão inscritas nas paisagens do Vale Histórico, naquele período, as cafeeiras eram responsáveis pela maior parte da oferta mundial do café, tornando o Vale do Paraíba, a região mais importante do estado.

Desse modo, a análise de conteúdo ocorre por meio das categorias analíticas previamente estabelecidas: **Aspectos Culturais**, **Aspectos Sociais** e **Aspectos Econômicos**

A categoria **Aspectos Sociais** teve como objetivo identificar quais são os sujeitos de importância no processo de produção, os gestores de associações de produção, cooperativas e turismo, bem como consumidores-turistas e apresentar de que maneira se dá a comensalidade do consumo de café, em sua versão de maior qualidade (TAVARES, 2022).

O desenvolvimento do café, em seu histórico de inserção no país em meados do século XVIII, ocorreu com o regime escravagista (GAGLIARDI, 2023). As paisagens cafeeiras do Vale do Paraíba (SP), com destaque para as fazendas históricas e as plantações de cafés abandonadas. Essas paisagens foram consequência da marcha do café, na qual o objetivo era distribuir plantações de café por todo o país, visando o maior potencial de desenvolvimento da fruta (IANNI, 2004; CÉSAR; STIGLIANO, 2012; ARGOLLO FERRÃO, 2015). Essas estruturas do turismo em regiões cafeeiras estão associadas às mãos negras escravizadas, que mesmo com a chegada dos imigrantes, foi a mão de obra mais explorada da época (CÉSAR; STIGLIANO, 2012; GAGLIARDI, 2023).

Essa informação está alinhada com parte da literatura, porém a mão de obra livre também fez parte da inserção do café no Brasil (Revista Shell, 1957). O sistema de parcerias,

em que o imigrante recebia dos donos de fazendas uma moradia, alimentação e matéria-prima para que, assim, pudessem cultivar o café. Essa prática tornou-se popular com a homologação da Lei Áurea em 1888, em que foi oficialmente proibida a escravização (ARGOLLO FERRÃO, 2015). Esses imigrantes eram comumente italianos e holandeses, como destaca a Revista Shell em sua edição voltada para o cooperativismo em Holambra - SP. A cidade fundada pelos imigrantes holandeses utilizou do sistema de cooperativismo, uma prática que os indivíduos, juntos, cultivavam, principalmente café, a fim de melhorar o desenvolvimento do grupo (REVISTA SHELL, 1957).

Para que a cafeicultura se desenvolvesse, em 1892 foi inaugurado o Porto de Santos. Com ele, diversos patrimônios históricos foram construídos na cidade. Essas estruturas resultantes do ciclo do café, agregaram valor arquitetônico para a cidade (BARROCAS; OLIVEIRA, 2013; ARGOLLO FERRÃO, 2015; TINEO; TOMAZZONI, 2016). Dentre os patrimônios históricos da cidade de Santos, além do próprio Porto de Santos, destacam-se a alfândega e o atual Museu do Café. Para promover o café e o patrimônio da cidade do litoral sul de São Paulo, em 2015, surgiu o Festival Santos Café, assim, conforme seus atributos turísticos, o festival consegue destacar Santos como destino turístico.

Entre as atividades realizadas no evento, estão: a caminhada guiada pela Rota do Café, oficinas gastronômicas e baristas com degustação de café, dentre outras diversas atividades, dessa maneira, aproximando a sociedade com um dos produtos mais importantes do país (TINEO; TOMAZZONI, 2016). Com a valorização do produto, houve a necessidade de se desenvolver um café de maior qualidade, dessa maneira, os agricultores locais e familiares passaram a ter um maior destaque, agregando valor aos cafeicultores. Portanto, o turismo de cafés se propaga, além do interesse do indivíduo nas características estéticas de uma paisagem, como também pela oportunidade de estar em contato com a cultura e sociedade cafeeira. Por conseguinte da difusão da cafeicultura é possível, atualmente, obtermos um café de maior qualidade (PEREZ, 2009; TAVARES; OLIVEIRA, 2023).

A categoria **Aspectos Culturais** teve como objetivo identificar os elementos que remetem à história, aos costumes e aos indivíduos da região, como fazendas históricas, festivais, patrimônios culturais e cafeicultores locais. Isso contribui para o fortalecimento das identidades que se manifestam no turismo local (PEREZ, 2009).

O café é uma tradição nas casas da maioria dos brasileiros, a bebida é normalmente consumida em atos de comensalidade, promovendo interações sociais e, muitas vezes, políticas (TINEO; TOMAZZONI, 2016; TAVARES, 2022; TAVARES; OLIVEIRA, 2023). Para que o café pudesse se desenvolver da melhor forma, houve diversas adaptações durante o

passar dos anos. Inicialmente, o café era somente uma planta baixa utilizada em decorações, tornou-se relevante por consequência de seu potencial estimulante. Com a disseminação da cafeicultura, diversas estruturas passaram a ser patrimônio cultural das regiões e novas paisagens surgiram, na rota do café no Vale do Paraíba (BARROCAS; OLIVEIRA, 2013; QUEIROZ, 2017; ARGOLLO FERRÃO, 2007). A paisagem, pode ser entendida como características estéticas que se manifestam num espaço geográfico de maneira natural ou não, na qual, possibilita o contato entre o indivíduo e o ambiente em estado de contemplação (TUAN, 1990; COUTO; SERRA, 2011; BESSE, 2015; QUEIROZ, 2017).

São Paulo, antes destaque na monocultura da cana-de-açúcar, substituiu os engenhos por café, a fruta tinha um potencial econômico tão grande que deu início à marcha do café. Uma cultura perene que visava desenvolver a cafeicultura na maior quantidade de regiões possível (IANNI; 2008; CÉSAR; STIGLIANO, 2012; ARGOLLO FERRÃO, 2015). Dessa forma, o sistema monocultor, na época, tornou-se o principal sistema agrícola de São Paulo, até que uma queda considerável na valorização do café, fez com que muitas dessas plantações fossem encerradas, deixando como herança, distintas paisagens geradas por fazendas históricas (COUTO, 2011; CÉSAR; STIGLIANO, 2012; QUEIROZ 2017; GAGLIARDI, 2023). A monocultura do café é de baixo simbolismo social e, por ser uma plantação de larga escala e de baixo porte, gera diversas paisagens repletas de monotonia e de pouca atratividade estética. Por contraponto, a agricultura familiar, além do produtor ter um valor agregado maior, as paisagens geradas por uma plantação de baixa escala, geralmente possuem uma maior diversidade de produtos. Portanto, a agricultura familiar, além de esteticamente atrair mais o olhar humano, é importante para a manutenção do espaço geográfico onde está situada (TAVARES; OLIVEIRA, 2023; MORAES et al., 2023).

Nos cafezais, a oferta turística em São Paulo, apesar de pouco estruturada, proporciona diversas oportunidades para o visitante, como estar em contato com o grão de café em seu estado manancial e de maior qualidade. Beber um café com o grão moído na hora, oportuniza o visitante a experienciar o processo da fruta da terra à bebida. O turismo de cafés se dá, principalmente, pela agricultura familiar, sistema produtivo em que os aspectos sociais, culturais e históricos são muito relevantes e visa sempre a maior qualidade de seu produto, diferente da monocultura (ARGOLLO FERRÃO, 2015; EMBRAPA, 2017; TAVARES; OLIVEIRA, 2023).

Assim, visando um café de qualidade, livre de impurezas, os produtores de café nomearam um novo tipo de café, os cafés especiais (BSCA, 2017), estes são representados, em sua maioria, pela agricultura familiar. São Paulo está entre os estados de maior

representatividade em relação à produção do café especial, possui, atualmente, cinco regiões produtoras, com duas delas sendo Indicações de Procedência. A agricultura familiar agrega valor à história, costumes e simbolismos da região e traz relevância para os produtores locais (LUCIARI, 2001; PEREIRA, 2016; TAVARES, 2022).

A categoria **Aspectos Econômicos** teve como objetivo identificar quais são as características que tornam o Brasil o maior produtor e exportador de café no mercado internacional. Da mesma maneira, como a oferta turística em regiões produtoras de café fomenta a economia dos territórios (ARGOLLO FERRÃO, 2015).

O café é de grande relevância econômica para o Brasil, a prática iniciada no Vale do Paraíba no fim do século XVIII trouxe reconhecimento para o país, tornando-o o maior produtor e exportador cafeeiro do mundo (COUTO; SERRA, 2011; TOMAZZONI, 2016; CONAB, 2022; TAVARES; OLIVEIRA, 2023). De acordo com André Argollo, o café passou a ser difundido como uma cultura perene, visando adaptar o produto às melhores condições climáticas e de relevo possível para que pudesse produzir cada vez mais, onde antes era somente produção de cana-de-açúcar, tornou-se também plantio de café, até que o potencial econômico dos cafezais, fez com que fosse adotado o sistema produtivo da monocultura, visando aumentar os lucros de São Paulo. O sucesso do estado paulista com as cafeeiras se deu por estar relacionado ao desenvolvimento de diversas tecnologias voltadas para a cafeicultura, dentre elas está a construção do Porto de Santos, diversas ferrovias exclusivas do café e maquinários que substituíram a mão de obra humana, pela a de animais.

O Vale do Paraíba é uma região produtora de café de grande importância nacional, sendo assim, a mais relevante no estado de São Paulo. Além de seu histórico de produção, há também diversas fazendas históricas e tombadas como patrimônio e apesar da prática do turismo rural ser recente, a atividade já possui uma base econômica relevante para as regiões (COUTO; SERRA, 2011; QUEIROZ, 2017; TAVARES; OLIVEIRA, 2023). As características do turismo rural, tal como as do turismo gastronômico e o cultural, estão presentes no turismo de cafés, museus, fazendas históricas, regiões de produção de café, cafeterias e torrefações, estão diretamente ligados à prática. No entanto, o turismo de cafés é uma atividade ainda muito recente com pouca oferta, mas alguns locais do estado já possuem estruturas voltadas exclusivamente para o turismo de cafés (TAVARES *et al*, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa tinha como objetivo identificar de que maneira se manifestam os distintos aspectos culturais, econômicos e sociais no turismo de cafés nas paisagens paulistas. O primeiro demonstrou que os principais elementos culturais remetem à história e costumes da região. Dentre os aspectos culturais do turismo de cafés, destacam-se os patrimônios culturais e arquitetônicos como fazendas históricas, dentre elas, as fazendas Ibicaba e Santa Gertrudes, e festivais, em destaque, o Festival Santos Café. As características culturais do turismo, contribui para o fortalecimento das identidades culturais e agrega valor às atividades turísticas da região. Os aspectos sociais do turismo de cafés, visa identificar quais são os indivíduos responsáveis pelo processo de produção, os gestores de associações de produção, cooperativas e turismo. Apresenta também de que maneira se dá a comensalidade do consumo de café, em sua versão de maior qualidade. Já nos aspectos econômicos, foi apresentado quais são os motivos do Brasil ser uma potência na produção e exportação de café e como se manifesta a oferta do turismo cafeeiro no estado de São Paulo.

Para atingir o objetivo da pesquisa, o trabalho expôs o histórico de inserção do café no Brasil, seguido de sua introdução no estado de São Paulo. Foi identificado que a indústria cafeeira que substituiu a monocultura da cana-de-açúcar foi construída a partir de mãos escravizadas. Mesmo atualmente, é possível encontrar diversas estruturas que representam a escravização, tais como as fazendas históricas e o conjunto colonial casa-grande e senzala. Um pouco antes da instauração da Lei Áurea, um indivíduo, aproveitou-se da grande leva de imigrantes europeus, vindos por causa do potencial econômico das cafeiculturas, criando um sistema novo de mão de obra livre. O Sistema Vergueiro, ou sistema de parcerias criado pelo Senador Nicolau Vergueiro, consistia em, entregar estadia, matéria-prima e um trabalho remunerado, em que os imigrantes deveriam plantar café.

A partir disso, a monocultura cafeeira, desenvolveu-se cada vez mais, até que, durante a Era Vargas, devido ao alto incentivo aos produtos locais do presidente, tornou-se o principal produto de exportação do país. São Paulo se consolidou assim, por conseguinte às diversas tecnologias voltadas exclusivamente para a indústria cafeeira, como o Porto de Santos e diversas ferrovias, um dos maiores produtores de café do país, até mesmo na atualidade. Conforme o desenvolvimento cafeeiro avançava notou-se que, as paisagens encontradas nesse sistema produtivo, são monótonas e pouco atraentes. O turismo está se tornando, cada vez mais, uma peça chave na evolução do produto, paisagens urbanas e rurais atrativas estão com uma grande busca atualmente. Assim, a agricultura familiar, detentora da maior parte das produções agroalimentares do país, se destacou ao oportunizar novas atividades turísticas que usufruem do espaço rural. Na cafeicultura, a agricultura familiar é a maior produtora de café

especial. O sistema produtivo busca também apresentar ao visitante os costumes da região e a história do produtor local, apresentando sempre um espaço com viés ecológico maior que a monocultura e esteticamente mais atraente, assim, caracterizando o turismo de cafés.

O turismo de cafés pode ser apresentado como uma junção das características de outras três vertentes. O turismo rural, em que há a oportunidade do indivíduo entrar em contato com o café em seu estado primordial, no qual é possível participar das atividades em conjunto aos produtores locais e também contemplar a paisagem rural. Na segunda, encontram-se elementos do turismo cultural, que apresenta a possibilidade do visitante entrar em contato com os patrimônios materiais e imateriais da região, como por exemplo as fazendas históricas, como a fazenda Ibicaba, no Vale do Paraíba. Dessa forma, demonstra o trajeto percorrido pelos cafezais, antes de chegarem no estado de São Paulo. Já na terceira vertente, são identificadas algumas características do turismo gastronômico, situado, na maioria das vezes, nas paisagens urbanas do estado com as cafeterias e os locais de torrefação, possibilitando o indivíduo a ingerir a bebida em seu estado de maior qualidade. Entretanto, nas paisagens rurais, é oportunizado o contato com a gastronomia local que é influenciada pelas produções agrícolas, como também, pode-se experimentar a fruta do café, algo incomum nas cidades afastadas das regiões produtoras.

O turismo de cafés ainda é uma vertente turística recente e pouco explorada, no entanto, algumas regiões produtoras paulistas, já estão começando a estruturar suas plantações para a recepção de turistas. Por conseguinte, o estudo apresentou carência de pesquisas bibliográficas voltadas para o assunto do trabalho, por ser um tema emergente. Espera-se que as estruturas destinadas ao turismo cafeeiro em São Paulo sejam aprimoradas de forma contínua e que um contingente maior de pesquisadores se dedique ao estudo do tema proposto.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, H. C. C. **O café especial como produto turístico gastronômico: reflexões sobre o café especial e suas interfaces com o turismo**. Monografia (Bacharelado em Turismo) - Belo Horizonte: UFMG, 2010.

ARGOLLO FERRÃO, A. M. de. Arquitetura Rural e o espaço não-urbano. **Labor & Engenharia**, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 89–112, 2007. DOI: 10.20396/lobore.v1i1.233.

Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/233>. Acesso em: 9 set. 2023.

ARGOLLO FERRÃO, A. M de. **Arquitetura do Café**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

ATAIDES, M. R. DE A.; CUNHA, I. C.; SANTOS, J. C. V. Cafeterias da área central de Caldas Novas, Goiás: componentes da paisagem urbana turística. **Ateliê do Turismo**, v. 3, n. 1, p. 31-44, 2019.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 4. ed. Universitaires de France: Edição 70, 1977.

BASTOS, S; SALLES, M. R. R. História urbana e hospitalidade: o Bairro de Santa Ifigênia/São Paulo. **Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão**. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 2008.

BESSE, J-m. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2014.

BSCA - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉS ESPECIAIS. **Mapa das Regiões**. 2023. Disponível em: <https://brazilcoffeenation.com.br/region/list>. Acesso em: 20 ago 2023.

BSCA (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉS ESPECIAIS). **A BSCA**. 2017. Disponível em: <https://brazilcoffeenation.com.br/a-bsca>. Acesso em: 20 ago 2023.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CÉSAR, P. A. B.; STIGLIANO, B. V. Patrimônio Rural e sua Relação entre o Local e o Visitante: Um Estudo de Bananal (SP). **Rosa dos Ventos**, vol. 4, núm. 2, abril-junio, pp. 136-157, 2012.

CLAVAL, P. **Reflexões sobre a geografia cultural no Brasil**. Espaço e Cultura, n. 8, 1999.

CONAB (COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO). **Safra de café deve encerrar o ciclo de 2022 com uma produção de 50,92 milhões de sacas**. 2022. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/ultimas-noticias/4857-safra-de-cafe-deve-encerrar-o-ciclo-de-2022-com-uma-producao-de-50-92-milhoes-de-sacas>. Acesso em: 9 set 2023.

COUTO, M. F. R.; SERRA, E. Vale do Paraíba: da Economia Cafeeira à Sustentável. **Revista Geográfica de América Central**, Número Especial EGAL- Costa Rica II Semestre, pp. 1-15, 2011.

EMBRAPA (EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA). Agricultura Familiar. 2017. Disponível em: <https://www.embrapa.br/tema-agricultura-familiar/sobre-o-tema>. Acesso em: 16 out 2023.

GAGLIARDI, C. M. R. Narrativas turísticas de paisagens escravistas: práticas de memória na interpretação do patrimônio cultural do Vale do Paraíba, SP. **Anais do Museu Paulista**:

História e Cultura Material, [S. l.], v. 31, p. 1-26, 2023. DOI: 10.11606/1982-02672023v31e19. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/209469>. Acesso em: 3 nov. 2023.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 41-45.

GUEDOUANI, S.; SOUZA, L. M.; PINHEIRO, A. C. T.; NETO, R. R. O; SANTOS, R. H. S.; SAKIYAMA, N. S.; RUFINO, J. L. S. Agrupamento de Dados Como Método de Classificação dos Cafés nas Regiões das Matas de Minas e Mantiqueira. CBICafé, 2019. Disponível em: <http://www.sbicafe.ufv.br/handle/123456789/12501>. Acesso em: 14 set 2023

IANNI, O. **Origens Agrárias do Estado Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

INSTITUTO NACIONAL DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL (INPI). **Manual de Indicações Geográficas**. 2013. Disponível em: https://manualdeig.inpi.gov.br/projects/manual-de-indicacoes-geograficas/wiki/02_IndicA%C3%A7%C3%A3o_Geogr%C3%A1fica_e_esp%C3%A9cies_de_registro. Acesso em: 8 set 20203.

LUCHIARI, M. T. D. P. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MARTINS, A. L. **Império do Café: A Grande Lavoura no Brasil, 1850 a 1890**. 4. ed. São Paulo: Atual Editora, 1991.

MARTINS, A. L. **História do Café**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. de C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>. Acesso em: 12 set. 2023.

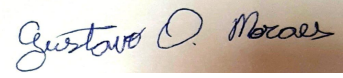
MORAES, G. O.; FUCILINI, A. P.; TAVARES, B. C.; HAMMERL, P. C. Particularidades das paisagens agroalimentares da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. **XIV SeminTUR Jr. - Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL**, 2023.

NEVES, C. **A História do café**. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro do Café, 1974.

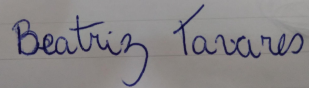
OLIVEIRA, J. P. DE .; DOS ANJOS, F. A.; LEITE, F. C. DE L.. O potencial da paisagem urbana como atratividade turística: um estudo sobre a paisagem de Brasília-DF. **Interações (Campo Grande)**, v. 9, n. 2, p. 159–169, jul. 2008.

PERFECTO, I.; JIMÉNEZ-SOTO, M. E.; VANDERMEER, J. **Coffee landscapes shaping the anthropocene: Forced simplification on a complex agroecological landscape**. *Current Anthropology*, v. 60, p. 236-250, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/703413>. Acesso em: 8 set 2023.

- PEREIRA, M. E. B. G. **Coordenação na agricultura familiar e desenvolvimento territorial: o caso das Indicações Geográficas para o café**. Tupã: UNESP, 2015. 157 f. Exemplar de Defesa de Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Agronegócio e Desenvolvimento, Faculdade de Ciências e Engenharia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Tupã, 2016.
- PEREIRA, M. E. B. de G.; LOURENZANI, A. E. B. S. Desafios e Perspectivas do Programa de Aquisição de Alimentos no município de Tupã - SP. **Ciência e Natura**, v. 36, n. 2, p. 230–240, maio/ago, 2014.
- PERÉZ, X. P. Turismo cultural. Uma visão antropológica. Tenerife, Espanha: **ACA y PASOS**, RTPC, 2009. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEedita2.pdf>. Acesso em: 20 ago 2023.
- QUEIROZ, O. T. M. M. O Rural como Atrativo Turístico e a Experiência Cultural: A Fazenda Santa Gertrudes. **Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, v. 9, n. III, p. 447-456, jul-set, 2017.
- SCHNEIDER, S. Reflexões sobre diversidade e diversificação: Agricultura, formas familiares e desenvolvimento rural. **Ruris**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 85-131, 2010.
- TAVARES, B. C. **Protagonismo das comunidades produtoras de café no desenvolvimento turístico do Caparaó Capixaba**. Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Turismo PPGTUR-UFF. Universidade Federal Fluminense Faculdade de Turismo e Hotelaria, 2022. Disponível em: <http://app.uff.br/riuff/handle/1/29273>. Acesso em: 10 set. 2023.
- TAVARES, B. C.; OLIVEIRA, A. N.; MINASI, S. M.; PAGNUSSAT, E. C. Panorama do Turismo Associado à Produção de Cafés no Brasil. **Revista Turismo em Análise**, [S. l.], v. 32, n. 3, p. 458-475, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/190208>. Acesso em: 8 set. 2023.
- TAVARES, B. C.; MACHADO, M. B. T.; VALDUGA, V. Coffee territorialization in Caparaó Capixaba. **Mercator (Fortaleza)**, v. 22, 2023.
- TAVARES, B. C; OLIVEIRA, A. N. A oferta de Turismo de Cafés pela perspectiva dos(as) cafeicultores(as). **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 20, n. 3. pp. 551-562, 2023. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2023.21.038>. Acesso em: 10 set. 2023.
- TAUNAY, A. de E. **História do café no Brasil: no Brasil Imperial 1822-1872**. Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Café, 1939.
- TINEO, D.; TOMAZZONI, E. L. Turismo e Eventos: O Festival Santos Café e a Revitalização do Centro Histórico. **Rosa dos Ventos**, vol. 9, núm. 1, Enero-Marzo, 2017.
- TUAN, Yi-Fu. **Topophilia: A study of environmental perceptions, attitudes and values**. Columbia University Press, 1990.
- WOORTMANN, Ellen; CAVIGNAC, Julie A. (Org.). Ensaios sobre a antropologia da alimentação: saberes, dinâmicas e patrimônios. **Natal: EDUFRN**, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/22015>. Acesso em 7 set 2023.

A rectangular box containing a handwritten signature in black ink that reads "Gustavo O. Moraes".

Gustavo Oliveira de Moraes

A rectangular box containing a handwritten signature in blue ink that reads "Beatriz Tavares".

Orientadora: Me. Beatriz Carvalho Tavares

São Borja, 21 de Novembro de 2023